



## RIONDET, O. EMMANUEL LEVINAS: A QUESTÃO DO LIVRO

Lucas Joaquim da Motta (Tradutor)

---

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
[lucasjufscar@gmail.com](mailto:lucasjufscar@gmail.com)

**Resumo:** Trata-se de uma tradução da seguinte resenha publicada originalmente em francês: RIONDET, Odile. Emmanuel Levinas: la question du livre. *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, Paris, n° 2, pp. 122-122, 2009. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2009-02-0122-002>. Acessado em 01/06/2020. Livro resenhado: ABENSOUR, M.; KUPIEC, A. (Orgs.). *Emmanuel Levinas, la question du livre: Actes du colloque proposé par l'IMEC à l'Abbaye d'Ardenne, du 4 au 6 décembre 2006*. Saint-Germain-la-Blanche-Herbe: Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine, 2008. Nossos agradecimentos a Odile Riondet e ao *BBF* por terem nos dado a autorização, via correspondência eletrônica, para realizarmos este trabalho inédito no Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho.

**Palavras-chave:** Livro. Fenomenologia. Levinas.

## Emmanuel Levinas: a questão do livro

por Odile Riondet

ABENSOUR, M.; KUPIEC, A. (Orgs.). *Emmanuel Levinas: la question du livre*. Saint-Germain-la-Blanche-Herbe: Imec, 2008, 156 p., 24 cm. Coll. Inventaires. ISBN 978-2-9082-9590-0. 20 €.

Abordar a obra de Emmanuel Levinas através da questão do livro foi uma forma de realizar um colóquio original sobre esse autor. Embora ele nunca tenha dedicado um título particular à questão, ela emerge constantemente no decorrer de seu trabalho, e frequentemente se prova muito estruturante em seu pensamento.

O colóquio começa com um texto do filho de E. Levinas, Michaël, que é músico e reflete sobre o “risco” como símbolo das bifurcações do pensamento. Isso era verdadeiro para a escrita filosófica do seu pai, como o é para sua escrita enquanto músico, pois toda escrita é criatividade e ao mesmo tempo um processo material, sinais sobre o papel, rasuras. Esta dimensão material da escrita também é encontrada no livro. Na comunicação seguinte, Didier Franck trabalha sobre “o sentido do vestígio<sup>1</sup>”. Todo livro é vestígio de alguma coisa: vestígio do outro que escreveu, vestígio do mundo que ele descreve. E o mundo é como “*um livro em palavras cobertas*”<sup>2</sup>, um enigma a ser compreendido.

Levinas era sensível à densidade prática do escrito, mas também à incapacidade fundamental de todo escrito em abraçar o mundo.

---

1 O termo original é “*trace*” que poderia ser traduzido literalmente por traço. Todavia, em nosso país e no exterior, há autores que preferem traduzir o termo francês por “vestígio”. Um deles é o Prof. Pergentino Pivatto, um dos maiores conhecedores do pensamento levinasiano que já tivemos em nosso país. Nessas condições, decidimos optar por “vestígio” (Nota do Tradutor).

2 Grifos da autora. (N. do T.).

Yasuhiko Murakami analisa as *"realidades irrepresentáveis"*<sup>3</sup> às quais o filósofo se atém, por exemplo, quando se interessa por escritos poéticos ou escritos bíblicos: seu significado nunca se esgota na interpretação. Esse também é o caso, é claro, dos nomes próprios, pois outrem sempre escapa do que pode ser dito sobre ele. Na mesma perspectiva, Catherine Chaliier nos lembra que, para o filósofo, o modo de ser e de chamar para a leitura de um livro não é a de um documento. É o leitor que decide, de certa forma, o que será para ele um escrito, através de sua atitude. Assim, a expressão "está escrito nos livros", que introduz comentários de textos místicos ou talmúdicos, não deve ser tomada como um argumento de autoridade, mas como um chamado a construir uma certa atitude diante do livro, uma forma de forjar a interioridade.

Podemos ver como, para usar as palavras de Stéphane Mallarmé citadas por Éliane Escoubas, o livro é "um instrumento espiritual"<sup>4</sup>. Marc Faessler acredita que a injunção bíblica ao profeta: "Coma o livro!"<sup>5</sup> significa o quanto o livro é menos um objeto do que uma palavra integrada, uma palavra que vem do interior do homem. O livro é uma porção da palavra oferecida ao outro e aguardando sua resposta. Está no interior de si: *"devora-se"*<sup>6</sup>, *"degusta-se seu estilo"*<sup>7</sup>, seu significado é inesgotável. Ler um livro é, portanto, sempre uma tentativa de alcançar a dignidade profética da própria vida nutrindo-se de uma palavra. Mas para isso acontecer, lembra Éliane Escoubas, primeiro é preciso que leitores existam, que saibam ler, em todos os sentidos do termo: que tenham aprendido a ler, certamente, mas que também sejam capazes de alcançar o sentido, que tenham o desejo de entrar em um pensamento que lhes seja estranho. É por isso que ler leva tempo: tempo para

---

3 Grifos da autora. (N. do T.).

4 Grifos da autora. (N. do T.).

5 Grifos da autora. (N. do T.).

6 Grifos da autora. (N. do T.).

7 Grifos da autora. (N. do T.).

compreender, para ativar todos os elementos cognitivos ou da experiência que nos permitirão interpretar, compreender. O livro não é um objeto, mas um “Dito” que não pode ser compreendido sem o “Dizer”, ou seja, tanto a vontade do autor de expressão do autor como o poder de interpretação do leitor. Eles se reúnem para fazer do Dito algo vivo e significativo em vidas particulares.

Miguel Abensour se pergunta sobre a “utopia dos livros”. O que ele quer dizer com isso? Que, para Levinas, livro e utopia são dois temas que “se entrelaçam” contra um pano de fundo de escatologia. Para Levinas, a utopia tem como pano de fundo o fim dos tempos: para qual futuro estamos indo, como nos comprometemos com o futuro do mundo, às vezes de uma forma irremediável? Quais resultados queremos? Nossas ideias de democracia e direitos humanos não podem se dissociar de seu terreno profético. Mas o que essa proposta tem a ver com o livro? Porque o homem é um “*animal profético*”<sup>8</sup> que sabe ler num Dito a força do futuro ele guarda, assim como sabe ver no outro, que ele encontra face a face<sup>9</sup>, a necessidade de se voltar para o inesperado. O livro abre uma brecha na realidade, assim como o faz o encontro. Um espaço que tende para a expectativa da paz.

Começamos então a ver o tipo de ligação que Levinas estabeleceu entre o livro religioso e o livro secular, mas também suas diferenças. Marc Richir estima que a Bíblia tem a característica de ser um livro sem autor, cuja função é menos histórica do que simbólica, enquanto que a filosofia está em outra lógica, talvez irreconciliável. Certamente, lembra-

---

8 Grifos da autora. (N. do T.).

9 Esta expressão em Levinas – face a face – diz respeito à própria alteridade, e não a face de alguém. Desse modo, é a própria relação lógica entre o Sujeito e o Outro; é a possibilidade do outro receber ensinamentos externos; por isso a importância do Outro no *Segundo sexo* de Simone de Beauvoir, uma vez que entre um homem e uma mulher existe uma relação conflituosa; isso vale para todas as vezes que Levinas utiliza a expressão “face”. (N. do T.).

nos Jean-Michel Rey, ler é em todos os casos a entrada num universo, uma obra de obstinação, uma tensão para o outro, uma vida no sentido, um tempo de encaminhamento. Mas isso não é o caso próprio da leitura bíblica, é o caso da literatura e da filosofia. Levinas trabalhou nessa mesma perspectiva: a fenomenologia permite pensar a relação com o livro em um nível simplesmente antropológico. De fato, diz Laszlo Tengelyi, a fenomenologia está preocupada com a experiência da relação primária no mundo. Isto também se aplica à leitura, que é um processo de recepção e descoberta. Pode-se compreender isso, certamente com a leitura da poesia, mas uma relação fenomenológica com o mundo não para por aí: ela é toda linguagem que tem uma função nominativa. Toda linguagem e todos os livros carregam, portanto, o que Anne Kupiec chama de perspectiva de *evasão*<sup>10</sup>. Mesmo um trabalho científico que incita a uma atitude de aceitação do desconhecido, incita a entrar no texto, “deixando-o falar”.

Não é essa forma de fazer as coisas ao mesmo tempo uma crítica à razão, que então integraria o esforço inicial de sair de si mesmo enquanto ser fechado? Nesse sentido, para Yves Thierry, escrever um livro é em si um gesto ético, pois está voltado em direção a outrem. Um gesto ético que não é apenas teórico, pois, como diz Guy Petitdemange, o ir e vir entre a palavra e a prática é o que cria o significado de um livro. Concretamente, isso significa que qualquer vida que busca compreender a si mesma através dos livros cria necessariamente sentido. Ler não é apenas ver sinais, afirma Levinas com base no trabalho de Merleau-Ponty. E se escrever é o esforço para criar uma bela composição, isso não ocorre apenas por inquietação acadêmica, é também uma impetuosidade no jogo dos possíveis, o que manifesta tanto a filosofia como a experiência literária de um Proust. O livro tem assim uma profundidade humanamente estruturante, não só consciente, mas

---

10 Grifo da autora. (N. do T.).

também inconscientemente, e poderia ser entendido como um “conceito psicanalítico”. Para Gérard Haddad, Freud, em sua análise do fenômeno religioso, não viu que o livro “devorado” representa também o pai.

**O. R.**